

FERNANDA FONSECA BARBOSA MENDES

**MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ:  
A força por trás de uma tradição**

Viçosa – MG  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2009

FERNANDA FONSECA BARBOSA MENDES

**MÚSICA SERTANEJA DE RAIZ:  
A força por trás de uma tradição**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ernane Rabelo

Viçosa – MG  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2009

## **DEDICATÓRIA**

A meus pais, Milton e Adriana, porque sem eles eu não chegaria até aqui.

A meu irmão Diego por estar sempre comigo, me dando força.

A meus avós pelas palavras sábias que muito me ensinam.

A minhas amigas Zana Ferreira e Carolina Reis, por todo o apoio, carinho e amor durante esses anos. E por sempre acreditarem em mim, mesmo quando pensava em desistir.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Ernane Rabelo, pela orientação e paciência.

Ao meu tio, Pinho, por ter me inspirado a produzir esse livro.

Ao querido Chiquinho Rozado, pela ajuda essencial para a produção do livro.

As “Lulus”, que estiveram ao meu lado nos momentos alegres, e também, me apoiaram nos momentos mais difíceis.

*“A viola é o coração da música brasileira.  
Nem pandeiro, nem cuíca, nem sanfona, nem violão.”*

*Rosa Nepomuceno*

## **RESUMO**

A música sertaneja de raiz nasceu há mais de 500 anos e resiste até hoje. Muitas mudanças já ocorreram desde que os jesuítas trouxeram a viola para o Brasil. A industrialização modernizou o país e intensificou a troca de mercadorias, causando o aparecimento do que chamamos de “indústria cultural” (ADORNO & HORKHEIMER, 1997) fenômeno que se acentuou com a abertura do mercado brasileiro. Para se adequar ao novo mercado, esse estilo passou por modificações e assim novos ramos da música sertaneja surgiram. O cenário atual não é um dos melhores para a música caipira, um mundo urbano, onde o capitalismo dita as regras e a qualidade perde para a quantidade. Quase sem espaço na mídia, que prioriza o que vende mais, a música raiz vem ultrapassando os obstáculos e atraindo novos seguidores. Dessa forma, através de um livro-reportagem, pretende-se apresentar a música sertaneja de raiz às pessoas. O livro divide-se em três partes: Em seu primeiro capítulo, faz um levantamento histórico do estilo, de sua origem até suas transformações ao longo do tempo. Em seguida, são narrados mini-perfis de violeiros e é realizado um panorama da situação da música sertaneja de raiz na cidade de Viçosa, suas dificuldades e suas formas de resistência. A última parte expõe uma miscelânea de opiniões sobre o futuro da música sertaneja de raiz.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Música sertaneja de raiz, indústria cultural, livro-reportagem.

## **ABSTRACT**

The Brazilian's country roots music was born for more than 500 years ago and stands until today. Many changes have occurred since the Jesuits brought the ten strings guitar (typical Brazilian country instrument) to Brazil. The Industrialization modernized the country and intensified the exchange of goods, causing the appearance of what I call "cultural industry" (ADORNO & HORKHEIMER, 1997), phenomenon that was increased by the opening of the Brazilian's market. To fit the new market, this style of music has gone through changes and new branches of country music has emerged. The current scenario is not one of the best for authentic country music, an urban world, where capitalism is calling the shots and the quality loses for quantity. Almost without space in the media, which gives preference to what sells more, the country music is overcoming obstacles and attracting new followers. This way, through a book report, we intended to presents the Brazilian country roots music to the people. The book is divided into three parts: In his first chapter, a historical survey of style, from its origins to its transformation over time. Then, are narrated mini-profiles of the guitarists and is realized an overview of how country roots music presents in the city of Viçosa, their difficulties and their forms of

resistance. And the last chapter presents a mix of opinions about the future of country roots music.

### **KEYWORDS**

Brazilian's country roots music, Cultural Industry, Book report

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

1.1 O tema.....	8
1.2 Objetivos e Justificativas.....	8

### LEVANTAMENTO HISTÓRICO E TEÓRICO

2.1 A origem da música sertaneja .....	9
2.2 A Indústria Cultural .....	11
2.3 Música Sertaneja e Indústria Cultural.....	13
2.4 Jornalismo Cultural.....	14
2.5 Jornalismo Literário.....	15
2.6 Livro-reportagem.....	17

### RELATÓRIO TÉCNICO

3.1 Pesquisa bibliográfica.....	19
3.2 Apuração.....	20
3.3 Produção do livro.....	21

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
---------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
---------------------------------	----

ANEXOS.....	25
-------------	----



## **INTRODUÇÃO**

### **1.1 O tema**

O primeiro passo para o surgimento da música sertaneja de raiz foi dado pelos portugueses, que trouxeram a viola para o Brasil. Introduzido no país pelos jesuítas, esse instrumento passou a ser usado como forma de divertir os índios e facilitar a catequização. A fusão dos elementos da cultura indígena e portuguesa e, mais tarde da africana originou a música sertaneja de raiz.

Aos poucos a viola foi se popularizando e a música caipira se tornou a expressão cultural do povo rural brasileiro. Porém, com a industrialização ocorreram muitas mudanças. O êxodo rural aumentou, o país se modernizou e junto com ele o povo. Nessa época surge o que chamamos de “indústria cultural” (ADORNO & HORKHEIMER, 1997), que passou a ditar as regras do mercado. A música de raiz mudou para se adequar à nova realidade e surgiram novos ramos da música sertaneja.

Todos esses acontecimentos também atingiram os meios de comunicação, que passaram a priorizar o que gera mais lucros. Com isso, hoje a música de raiz possui um pequeno espaço na mídia, sendo pouco divulgada entre a população. Uma forma de torná-la mais conhecida é se utilizar de um novo tipo de jornalismo, o jornalismo literário. Ele permite abordar temas não muito recorrentes na grande mídia com uma maior liberdade.

Nosso trabalho trabalha dentro dessa modalidade, tratando do tema objetivado (música sertaneja de raiz) em um livro-reportagem. O texto mais livre, mas sem perder a veracidade, mostra a origem, características, mudanças e expectativas desse gênero musical. Além da parte histórica, o livro contém mini-perfis de violeiros, como também mostra como a música caipira se configura em Viçosa.

### **1.2 Objetivos e justificativas**

O objetivo principal do projeto experimental desenvolvido foi apresentar, através de um livro-reportagem, a música sertaneja de raiz a quem não conhece. E, ao mesmo tempo, instigar os

leitores a apreciar esse gênero musical. Além disso, através dos mini-perfis, conhecerem um pouco da história de alguns violeiros e como a música caipira se faz presente em Viçosa.

A justificativa da escolha dessa modalidade de projeto experimental se dá, principalmente, porque através dele pode-se explorar a teoria e a prática adquirida durante o curso, bem como ressaltar aptidões. A possibilidade de ter um maior aprofundamento no texto também justifica essa escolha, pois, ao se utilizar as técnicas de reportagem e de uma escrita menos rigorosa, nos permitiu construir um texto mais leve e rico em informações.

O tema escolhido possui um motivo pessoal. Cresci rodeada pela música sertaneja de raiz. Desde pequena ouço meus tios e amigos da família tocando viola e cantando esse tipo de música e sei o quanto ela é pouco divulgada para a população em geral. Desse modo, decidi abordar tal assunto.

## **LEVANTAMENTO HISTÓRICO E TEÓRICO**

### **2.1 A origem da Música Sertaneja**

Como a maioria dos gêneros musicais brasileiros, a música sertaneja de raiz foi constituída a partir da fusão de elementos da cultura indígena, européia e africana. Os cantos religiosos dos jesuítas e as modinhas trazidas pelos portugueses colonizadores misturaram-se à música e à dança dos índios e originaram a música caipira. E também foi dessas três raças que surgiu o caipira.

[...] certamente o caipira, da maneira que chega ao século XX, se formou no ritmo lento da miscigenação, de modo que resultou não só da mistura do branco com o índio, mas também a do negro com ambos. (SOUSA, 2005. p.32)

Segundo Souza (2005), o caipira é dividido em três etnias: caipira branco, caipira negro e caipira caboclo, sendo este último o que inspirou Monteiro Lobato a criar o jeca Tatu. “A indolência do caipira caboclo é que serviu de inspiração a Monteiro Lobato. Passa o tempo a caçar, a pescar, a dormir, a fumar e a beber cachaça.” (SOUSA, 2005. p.33)

Nepomuceno (1999) defende o caipira caboclo e afirma que ele era um homem forte e se adaptava facilmente a outras culturas.

A mistura do sangue índio com o do colonizador e dos negros escravos resultou num homem forte, que se achava capaz de amoldar-se a outras fôrmas culturais. Nômade por natureza, aventureiro, aramando seu rancho aqui e ali, na rota das colheitas, roçando por temporadas, trabalhando em mutirões e tocando gado por trilhas que cortaram o país, seu êxodo para as cidades foi natural. (NEPOMUCENO, 1999, p.33)

Rosa ainda afirma:

Ao contrário do que pensara Lobato nos seus primeiros artigos, o matuto não ficara de cócoras olhando o tempo passar, com olhar mortiço, “chorando as pitangas” por um cafezal minguado. Ele saberia cantar conforme a música. (NEPOMUCENO, 1999, p.33)

A expressão cultural mais característica do caipira ficou sendo a moda de viola. A viola é um instrumento de dez cordas, esculpida em um toco de pau e foi trazida para o Brasil pelos jesuítas portugueses. “Os colonizadores trouxeram-na para divertir os patrícios desembarcados nem sempre por vontade própria nesse paraíso imenso, desprovido dos confortos da corte, e para seduzir o gentio.” (NEPOMUCENO, 1999, p. 55)

Além de cortar mato, o que pode ser uma justificativa para a nomeação *caipira* – *caa* (mato) e *pir* (que corta) – o caboclo gostava de reunir com os amigos para tocar viola e dançar, originando as modas de viola.

Como apurou J.L. Ferrete em seu livro *Capitão Furtado: Viola Caipira ou Sertaneja?*, os estudos da origem desse nome levam a crer que sejam o resultado da contração das palavras tupis *caa* ( mato) e *pir* ( que corta). Cortar mato era o que mais fazia o caboclo, abrindo trilhas e limpando os arredores da choupana, para se proteger dos bichos e plantar sua roça de mandioca e milho. E também para juntar os vizinhos, para o grande divertimento de roda do fogo: tocar viola, cantar, sapatear e bater palmas. Desse prazer e dessa mistura de influências européias e depois africanas surgiram as modas da roça. (NEPOMUNCENO, 1999, p. 56)

A música caipira é uma manifestação espontânea do povo rural, que reflete o dia-a-dia do trabalho, do lazer, da sua religiosidade e todas as relações sociais existentes nessas comunidades.

Ao investigarmos as origens do gênero musical sertanejo, constatamos que ele encontra suas matrizes em sentimentos diversos, que podem estar ligados a aspectos como o sofrimento, a união e a simplicidade, ou relacionados ao prazer, ao caráter lúdico da sociabilidade. Os primeiros aparecem normalmente ligados às dificuldades e rusticidade presentes no cotidiano do camponês brasileiro, enquanto os últimos se identificam com a convivência familiar, com as festas populares e ao que os receptores identificaram como uma ‘matriz romântica’. (PAVAN, 2006, p.2)

De acordo com Nepomuceno (1999) o maior divulgador da música caipira nas primeiras décadas do século XX foi o paulista Cornélio Pires (1884-1958). Além de escrever livros e ministrar palestras sobre o tema, ele montou caravanas de violeiros, cantadores e humoristas e viajou por todo o Brasil fazendo apresentações.

Cornélio Pires era um grande conhecedor da linguagem caipira, seu modo de pensar e agir, sua música, superstições, tristezas e alegrias e, no ano de 1929 levou para o estúdio a música caipira. “Em 1929, metendo a mão no bolso de um amigo, arrumaria dinheiro para mandar prensar os primeiros discos de música e humor caipiras, gravados por autênticos cantadores do interior e por ele próprio, na Columbia.” (NEPOMUCENO, 1999, p. 103)

Segundo o jornalista Fábio Gomes, com essa iniciativa de gravar discos com duplas caipiras, Cornélio foi o criador do gênero chamado música sertaneja. “Não havendo como reproduzir em estúdio os desafios que podiam durar horas, estrutura-se a música sertaneja, mais melódica e menos rítmica que a caipira.” (GOMES, 2007, p. 9)

Rodrigues (2003) concorda com Gomes (2007) e ainda afirma que, sendo consolidada no meio urbano, a música sertaneja passou a ser um produto da indústria cultural e distanciou das suas origens rurais.

## **2.2 A Indústria Cultural**

O conceito de indústria cultural surgiu no final da década de 40. “Esse conceito foi utilizado pela primeira vez por dois filósofos alemães, Theodor W. ADORNO e Max HORKHEIMER, em 1947, na obra Dialética do Iluminismo<sup>1</sup>.” (FADUL, 1993, p. 54)

---

<sup>1</sup> Por não haver um consenso entre os tradutores, a obra também foi intitulada como “Dialética do Esclarecimento”.

O termo passou a substituir a expressão *cultura de massa*, que era até então utilizada. O sociólogo Renato Ortiz (1986) afirma que a expressão *Cultura de Massa* é entendida com se a massa tivesse uma cultura própria, que seria veiculada democraticamente e com neutralidade pelos meios de comunicação. E, segundo Ortiz, o termo *Indústria Cultural* se opõe a essa idéia, e reforça a noção de que a cultura é algo fabricado.

O escritor Teixeira Coelho (1996) afirma não se pode falar desses conceitos num período anterior a industrialização.

Assim, a indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantado numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente de máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho. (COELHO, 1996, p.10)

Nas sociedades industrializadas, a criação artística perdeu seu valor estético e poético, os objetos de arte transformaram-se em mercadorias. Costa *et al.* (2003) afirma que na indústria cultural, o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso e que são utilizadas técnicas para envolver o consumidor e fazer com que eles comprem uma arte mais acessível, mas de conteúdo vazio. “Pode-se constatar que na indústria cultural tudo se transforma em artigo de consumo, e que no mercado a arte, a música, o cinema, o rádio, tudo pode ser comprado como uma mercadoria, transformando a cultura em algo negativo.” (COSTA *et al.* 2003. p. 9).

De acordo com Fadul (1993), a indústria cultural é padronizada, possui uma produção em larga escala e de baixo custo. E, a partir dessas três características, Adorno e Horkheimer (1997) tentaram mostrar como essa indústria manipulava as pessoas. Afirma também que a indústria cultural cria acomodação e conformismo, impedindo a existência de uma sociedade autônoma e que seja capaz de tomar decisões.

Como um objeto de arte, a música também passou por todo esse processo acarretado pela indústria cultural. Antunes e Maia (2008) afirmam que para os pensadores Adorno e Simpson (1941/1994) a música popular possui padronização, pseudo-identificação e a facilitação.

Desta forma, as músicas veiculadas pela mídia de massa e produzidas pela indústria cultural são semelhantes em sua estrutura, o que caracteriza a padronização, ao mesmo tempo em que possuem detalhes que as diferenciam, como um ritmo ou uma letra, e aqui é facilmente identificada a pseudo-indivíduo a partir do momento em que estas canções apresentam-se novas na aparência, porém iguais em seu conteúdo musical. (ANTUNES & MAIA, 2008. p. 4)

Assim, essa música produzida pela indústria cultural se torna facilmente identificável pelo ouvinte, que não aprende a analisar e estar atento ao material.

As capacidades que possibilitariam a leitura do material musical, a experiência, o contato com o novo, lhe são negadas na medida em que o novo não ocorre, e o indivíduo permanece passivo, apenas consumindo aquela mercadoria que lhe é oferecida pela mídia como um *suvenir* (Adorno e Simpson, 1994). (ANTUNES & MAIA 2008. p.4).

### **2.3 Música Sertaneja e Indústria Cultural**

Com a crescente urbanização, na década de 50 os gêneros sertanejos passaram a disputar espaço com os da cidade, a moda era ser moderno.

O ano de 1958 foi marco das transformações. Metade dos 70 milhões de brasileiros morava no campo, portanto, a troca de influências com a cidade era grande. Valores profundamente arraigados no homem interiorano chegavam à vida das metrópoles, assim como as novidades do progresso, embrulhando toda uma forma de pensar e ser, modificavam o cotidiano da roça. (NEPOMUCENO, 2003, p.159)

No contexto da Indústria Cultural, a música sertaneja de raiz passou por várias mudanças para atender as necessidades do mercado consumidor. Ela deixou de ser a expressão da alma do povo e se transformou em uma indústria gigante, “sustentada por vendagens astronômicas e capaz de recompensar os vencedores com muito dinheiro e fama, a essa altura, o *caipiau* já perdera a ingenuidade da roça, o encanto”. (NEPOMUCENO, 2003, p.22)

O caipira mal vestido, e sem dente passou a vestir roupas de grife e a cuidar de sua imagem. A viola foi substituída por instrumentos eletrônicos como guitarra, contrabaixo elétrico, teclados e bateria.

A roupagem dos intérpretes iria aderir ao ‘visual’ dos chamados shows urbanos, a moda de viola teria de tudo a acompanhá-la, menos viola, e os gêneros típicos cederiam lugar a ‘mexicanizações’ ou ‘paraguaismos’ gradativos em clara demonstração de adaptação cultural ao que era comercial. Chegou-se a introduzir guitarras elétricas no acompanhamento, com a justificativa de ‘modernização’ ou ‘adaptação á nova realidade’. (FERRETE, 1985, p.70)

De acordo com Lima (2007) a indústria fonográfica passou a reorganizar seu processo de produção, agregando novas tecnologias e marketing para se adaptar às novas condições do mercado.

A essa altura, o mundo sertanejo estava irremediavelmente dividido. De um lado, os quase marginais, apegados às tradições. Do outro, os que procuravam a integração com as novidades do mercado e vendiam mais. (NEPOMUCENO, 2003, p.189)

Com um público maior, as duplas sertanejas incorporaram um ritmo mais industrial à sua produção e passaram a música *country* norte-americana. O fenômeno dos rodeios crescia e virava eventos onde a classe média emergente poderia se exibir seus carros e roupas novas.

Assim, o “sertanejo romântico” se consolida como referência musical dessa classe ascendente, com uma estética importada, ou melhor, baseada no pastiche da cultura hegemônica norte-americana. Mas, como no panorama da globalização os elementos da cultura são apropriados pela classe de excluídos, que vêem neles uma possibilidade de socialização, os da música “sertaneja” são prontamente absorvidos. (SOUSA, 2005, p. 188)

E é nesse cenário que a música caipira tenta sobreviver. Em um lugar onde o capitalismo é que dita as regras e a música se torna um mero objeto de consumo.

## **2.4 Jornalismo Cultural**

Jornalismo cultural é uma especialidade dentro do jornalismo. O profissional que atua nessa área deve noticiar os fatos relacionados à cultura local, nacional e internacional, em suas várias manifestações. Portanto, as pautas produzidas são sobre assuntos que envolvem cultura, literatura, música, artes plásticas, teatro, televisão e a cobertura de eventos. Segundo Freire e

Lopez (2007) ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, o jornalismo cultural institui outras formas de pensar e viver dos receptores, e assim, efetua uma forma singular de produção do conhecimento humano no meio social em que ele circula e é produzido e consumido.

Um marco inicial para a origem do jornalismo cultural foi o ano de 1711. Nesse ano, dois ensaístas ingleses fundaram uma revista diária chamada *The Spectator* com o intuito de levar à filosofia para os clubes e assembléias, ao invés de deixá-la apenas em gabinetes e bibliotecas. A idéia dos fundadores da revista era mostrar que o conhecimento podia ser divertido e não era aquela atividade estática e sisuda que as pessoas cultas pregavam. Piza (2003) afirma que no Brasil, esse jornalismo só se concretizou no final do século XIX, ganhando força entre os escritores brasileiros.

Segundo Piza (2003), principalmente a partir da segunda metade do século XX, o jornalismo cultural moderno vive crises de identidade. Nesse contexto e com o surgimento dos meios de comunicação de massa, é freqüente o debate sobre o jornalismo cultural na sociedade.

Com a democratização da TV, a partir de 1950, o jornalismo cultural atingiu um impacto sobre os hábitos e valores de todas as classes.

As revistas culturais se multiplicaram a partir dos anos 20 e as seções culturais da grande imprensa diária ou semanal se tornaram obrigatórias a partir dos anos 50; pode-se dizer, portanto, que acompanharam os momentos chave de ampliação da tal “indústria cultural”, numa escala que hoje converteu o setor de entretenimento num dos mais ativos e ainda promissores da economia global. (PIZA, 2003, p.43-44)

Dentro desse cenário da indústria cultural, e “a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe”. (PIZA, 2003, p.45)

## **2.5 Jornalismo Literário**

A reportagem em livro começou a se consolidar como subgênero da literatura na Europa do século XIX. Nessa época, quando o jornalismo ainda não havia se tornado uma profissão



como entendemos hoje, a linha que separa este da literatura era difusa. O jornalismo tinha uma função muito mais política e intelectual do que meramente informativa. “Parte dos jornais nem sequer publicava reportagens: páginas e páginas eram preenchidas com artigos, ensaios, editoriais e até literatura”. (BELO, 2006, p.19)

Ao contrário da Europa, o jornalismo americano era mais industrial, e no começo do século XX, essa atividade já havia se tornado um negócio nos Estados Unidos. Seu rápido desenvolvimento econômico proporcionava as condições necessárias para o país se tornar uma potência mundial, e com isso, a divisão entre ricos e pobres se tornava cada vez mais nítida e as revoltas mais recorrentes. E é nesse cenário que foi produzida a reportagem em livro mais marcante até então. O autor era o americano John Reed e ele chamou a atenção de todos pela sua narrativa rica em detalhes e dramaticidade.

Reed é apontado por diferentes estudiosos da comunicação como um dos precursores do chamado jornalismo literário e pai do livro-reportagem moderno. Não quer dizer que tenha sido o primeiro. Não faltam relatos de não-ficção anteriores a ele. Pelo menos um deles no Brasil, *Os Serões*, de Euclides da Cunha. Mas até então nada havia sido tão marcante. (BELO, 2006, p. 22.)

A partir daí, houve uma reaproximação do jornalismo com a literatura e nos anos 60 surgiu um movimento nos EUA chamado *New Journalism*.

O novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. (TALESE, 1973).

Esse novo jornalismo atendia às carências dos jornalistas, insatisfeitos com a falta de aprofundamento e tempo durante a apuração e o rigor e a objetividade excessiva na hora de escrever o texto. A partir do jornalismo literário, novas técnicas poderiam ser introduzidas no texto noticioso. Tais técnicas eram típicas da escrita literária como a descrição, narração,

diálogos, dissertação, descrição cena a cena, entre outras. O caminho encontrado pelos jornalistas para exercer o *New journalism* foi o livro-reportagem.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor. (PENA, 2006, p. 53.)

No Brasil, essa experiência de um jornalismo mais próximo da literatura teve como principal publicação a revista *Realidade*, em meados da década de 60. Publicada pela *Editora Abril*, a revista tinha uma linguagem inovadora e liberdade de enfoque. A partir daí o jornalismo literário passou a ganhar mais força e a conquistar novos adeptos.

## **2.6 Livro-reportagem**

O mundo está vivenciando a era digital, na qual a informação chega ao público quase que instantaneamente e os textos jornalísticos se tornam cada vez mais curtos e diretos. É comum a idéia de que os leitores não têm mais paciência para ler textos longos, mas de acordo com o jornalista Eduardo Belo, esta é uma opinião equivocada.

Pelo menos uma parcela do público dá sinais claros de que aquela idéia, fomentada por alguns jornais, que o leitor não quer textos longos e profundos é equivocada. O público decididamente já demonstrou não querer textos chatos ou sem conteúdos. São essas pessoas que estão recorrendo aos livros em busca da reportagem perdida. (BELO, 2006, p. 56)

Os livros que o jornalista Eduardo Belo se refere são os livros-reportagem. Devido à concorrência acirrada no mercado, os jornalistas possuem pouco tempo para apurar um fato, escrever a matéria e publicá-la. Com isso, os textos jornalísticos nos veículos convencionais se tornam superficiais. E com o livro-reportagem o jornalista possui uma maior liberdade na forma de escrever, podendo dar um enfoque mais profundo e humano ao seu texto.

Em síntese, é para isso que serve basicamente o livro-reportagem: para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias das explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na

imprensa convencional. Mais ainda, o livro-reportagem transcende as concepções norteadoras do jornalismo atual. (LIMA, 1998, p.16)

O primeiro passo para produzir um livro-reportagem é definir uma pauta e um objetivo a ser seguido. A pauta no livro é diferente das normalmente feitas nos jornais, ela é mais detalhada, possui o passo a passo do que será e como será feito, permitindo uma antevisão do produto final. “Precisa prever os caminhos que a apuração tem de seguir e antecipar, pelo menos em parte, o resultado final”. (BELO, 2006, p. 75). Além disso, o autor possui uma maior abertura para definir o tema que será abordado.

Logo que a pauta é produzida, é chegada a hora de apurar, captar todas as informações necessárias para a construção do livro-reportagem. Edvaldo Pereira Lima (2004), em seu livro *Páginas Ampliadas*, sugere que os métodos de captação mais eficazes são: a entrevista, a observação participante, as histórias de vida, a documentação, a memória e a visão pluridimensional simultânea. Esses métodos vão proporcionar uma apuração mais detalhada e profunda do tema escolhido.

De acordo com o jornalista Eduardo Belo (2006) “apurar é antes de tudo buscar a informação verdadeira e, de preferência contextualizada”. Para ele o último passo da apuração é a checagem, a autor deve conferir todas as informações coletadas, para que não fique nenhuma dúvida.

Depois de feita a apuração, com todo o aprofundamento e riqueza de informações é a hora de produzir o texto. Edvaldo Pereira Lima (2004) sugere alguns recursos para a confecção do texto, dentre eles estão: narração, descrição, exposição, uso das funções de linguagem, técnicas de angulação, o ponto de vista e as técnicas de edição. Esses recursos sugeridos por Lima só são viáveis porque o livro-reportagem permite uma maior autonomia na hora de escrever.

O caráter “exclusivo” do livro permite o resgate do chamado “texto de autor”. O estilo do escritor-jornalista muitas vezes se vê sufocado pelas exigências de tempo, espaço e manuais de estilo das redações em que trabalha. No livro, o texto ganha contornos amplos: permite uma concepção mais literária, dá margem a diferentes construções, quase sempre impraticáveis em um jornal ou revista. (BELO, 2006, p. 118.).

O uso de recursos literários na escrita do livro-reportagem o torna mais envolvente e chamativo para o leitor. Como diz Belo (2006) “Recursos como *flashbacks*, discurso direto e diálogos ajudam a tornar o relato mais natural”. Ele ainda afirma que o modo da escrita de um livro-reportagem deve passar emoção ao leitor, ele tem que se sentir instigado e com vontade de ler aquele texto.

A função básica do livro-reportagem é informar com profundidade. Para que o leitor se sinta impelido à leitura, o texto tem de atraí-lo. O que em geral chama e prende o leitor à narrativa é a emoção. O texto do livro jornalístico não precisa ser um texto telegráfico, curto, direto, relatorial, sem vida e até burocrático que se vê na maioria dos jornais. Também não precisa ser verborrágico e estar repleto de palavras desconhecidas. Nem exige a presença de adjetivos para transmitir emoção. O que passa emoção é o modo de contar, não os adjetivos que o escritor emprega. (BELO, 2006. pg. 120)

Devido a essa forma mais livre de escrever, muitos jornalistas viram no livro-reportagem uma maneira de saírem da estrutura fechada das redações e produzir algo que fosse realmente de seu interesse.

## RELATÓRIO TÉCNICO

### 3.1 Pesquisa Bibliográfica

Para fazer esse livro-reportagem foram utilizadas diversas fontes bibliográficas que abordam o universo caipira e a música sertaneja de raiz. O livro *Música caipira: da roça ao rodeio*, de Rosa Nepomuceno (1999) trata da música caipira e através dos perfis de seus principais protagonistas, causos, letras de canções e entrevistas, a autora vai traçando a história e as transformações por que passou esse tipo de música. *Moda Inviolada - Uma História da Música Caipira* de Walter de Sousa (2005). E *Capitão Furtado: Viola Caipira ou Sertaneja?* de J.L. Ferrete (1985) também foram consultados e possuem essa mesma abordagem.

Como o livro produzido levanta a questão de música feita para o consumo da massa também se analisou uma bibliografia que aborda o conceito de indústria cultural e de comunicação de massa, à medida que, é através dela que há a propagação e disseminação desse

tipo musical. O livro *O que é Indústria Cultural* de Teixeira Coelho (1996) aborda a questão da indústria cultural, seu conceito, origem e como se dá esse processo.

A parte do jornalismo que aborda o universo musical é o jornalismo cultural. Com isso também procurei consultar trabalhos acerca dessa especificidade do jornalismo, como o livro *Jornalismo Cultural* de Daniel Piza (2004) que descreve a trajetória por que passou esse ramo jornalístico.

Por se tratar de um livro-reportagem, não faltaram obras para direcionar o trabalho a respeito do tema, elas tratam dos estudos e teorias que fundamentam esse gênero como o livro. *O que é livro-reportagem e Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* de Edvaldo Pereira Lima (1998; 2004).

Além de todos esses livros, também foram utilizados diversos artigos científicos e dissertações sobre cada tópico, retirados da internet.

### **3.2 Apuração**

O passo inicial foi fazer a pesquisa bibliográfica e ler todos os livros, artigos e dissertações. Com a bibliografia lida e os fichamentos e resumos prontos, passou-se para a fase da apuração. As técnicas utilizadas foram a Observação Direta, a História Oral e a Entrevista em Profundidade.

A primeira entrevista foi com o violeiro Pena Branca da dupla Pena Branca e Xavantinho. O violeiro estava em Viçosa para apresentar-se na Semana do Fazendeiro, e a entrevista foi feita logo após o seu show, no dia 15 de julho (quarta-feira), na casa de um violeiro da cidade chamado Chiquinho Rozado. Aproveitando a Semana do Fazendeiro, foi feita uma entrevista com o Zé Mulato, da dupla Zé Mulato e Cassiano, que também vieram para tocar no evento. A entrevista foi realizada no dia 16 de julho (quinta-feira) momentos antes de sua apresentação, no próprio local do evento. O violeiro Pinho, editor da Revista *Viola Caipira* me concedeu entrevista no dia 14 de agosto (sexta-feira) em minha casa.

Após as primeiras entrevistas, foram realizadas entrevistas com os violeiros de Viçosa. No dia 03 de setembro (quinta-feira) entrevistei Chiquinho Rozado, na sua própria casa. No dia 10 de setembro (quinta-feira) entrevistei Joel Dias, em minha residência. Ele me informou sobre o

*Clube Amigos da Viola* e contou que havia um ensaio toda terça-feira. Assim, no dia 15 de setembro fui assistir ao ensaio do grupo na Estação de Viçosa. Observei o lugar e a forma como eles tocavam e marquei entrevista com o violeiro Fábio Lopes, que foi realizada em sua casa no dia 24 de setembro (quinta-feira).

As entrevistas com os violeiros Eônio Pinto e Ramon Rozado foram realizadas por e-mail, nos dias 02 (sexta-feira) e 05 (segunda-feira) de outubro, respectivamente.

### **3.3 Produção do Livro-reportagem**

O primeiro passo foi fazer a introdução do livro. Ela explica o motivo da escolha do tema e de se utilizar livro-reportagem para abordá-lo. Além disso, mostra que na cidade de Viçosa, assim como em grande parte do Brasil, a música sertaneja de raiz é pouco divulgada perdendo espaço para os outros ramos da música sertaneja. Após a introdução pronta, passou-se para o livro em si.

O livro possui quatro capítulos, cada um com o nome de uma música caipira. Cada capítulo começa com uma frase de um dos entrevistados. Os capítulos foram feitos na ordem em que estão. O primeiro, *Jeitão de Caboclo*, aborda a questão do caipira, mostra sua origem e o significado que vem por trás de tal palavra. O segundo, *Nas veias da Viola*, relata a parte histórica da música sertaneja de raiz, seu início e várias fases. O terceiro, *Perfil de um Violeiro*, enfoca a música sertaneja de raiz em Viçosa. Para dar um panorama de como esse tipo de música está presente, são narrados mini-perfis de violeiros da cidade, com enfoque na música caipira. Ela começa contando o surgimento do Clube Amigos da Viola e depois se divide em cinco mini-perfis, Chiquinho Rozado, Ramon Rozado, Eônio Pinto, Joel Dias e Fábio Lopes, respectivamente. E o último, *Prá tudo se dá jeito*, expõe a opinião dos entrevistados sobre o futuro da música sertaneja de raiz. No início de cada capítulo e de cada mini-perfil há uma frase, dos próprios entrevistados, que é relacionada ao assunto abordado.

Depois de terminado, o livro-reportagem foi revisado pelos colegas do grupo de Orientação em livro-reportagem e pelo orientador Ernane Rabelo, além de ser revisado também por um profissional. Logo depois o livro foi diagramado e impresso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música sertaneja de raiz possui um pequeno espaço na grande mídia. No contexto da indústria cultural, os meios de comunicação de massa privilegiam aquilo que vai ser mais rentável, no caso, a música sertaneja romântica. Uma forma de valorizar a música sertaneja de raiz é fazer uso do jornalismo literário e produzir um livro-reportagem sobre o tema.

O livro-reportagem está se tornando um veículo cada vez mais conhecido. Para os jornalistas, ele é tido como um refúgio, uma forma de sair daquela estrutura fechada das redações e da superficialidade com que são publicadas as matérias nos veículos tradicionais. Através do livro-reportagem, o jornalista pode deixar sua criatividade fluir, aprofundar nas investigações, sem se preocupar com o *deadline* ou com a concorrência acirrada.

Um texto jornalístico tradicional precisa seguir um padrão mais rígido enquanto que no livro-reportagem o jornalista possui uma maior liberdade para escrever, fazendo uso de funções de linguagem e de uma escrita menos rebuscada. Esses recursos tornam o texto envolvente, deixando o leitor instigado e com vontade de ler o livro.

Ao fazer o livro-reportagem sobre a música sertaneja de raiz foi possível perceber que a música sertaneja de raiz não desapareceu. Ainda existem muitos adeptos desse estilo musical, tanto pessoas mais velhas como também as jovens. Os resultados confirmaram que o maior problema que a música caipira enfrenta é a falta de espaço na mídia, o que dificulta sua difusão na sociedade.

Outra possibilidade para o livro é abordar também o universo caipira e tirar o enfoque de uma cidade mineira (no caso Viçosa), passando-se a analisar todo o estado. Além de entrevistas com violeiros, pode-se fazer uma inserção em ambientes rurais e observar como é a vida na roça, os costumes, as festas, a culinária, o lazer. Essa proposta exige uma pesquisa mais profunda e cautelosa, e é uma sugestão para um próximo livro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. ; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Anhembi Ltda., 1995.

ANTUNES, D. C.; MAIA, A. F.. Música, Indústria Cultural e Limitação da Consciência. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 8, p. 1143-1176, 2008.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática. 2007.

CALDAS, Waldenyr. **Acorde na aurora**: música sertaneja e indústria cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1977.

COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. 16 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

COSTA, A. C. S.. Indústria Cultural: revisando Adorno e Horkheimer. **Movendo idéias**, Belém, v. 8, p. 13-22, 2003.

FADUL, A.. Indústria Cultural e Comunicação de Massa. In: **Linguagem e Linguagens**. São Paulo: Série Idéias, 1993.

FERRETE, J. L. **Capitão Furtado**: viola caipira ou sertaneja? Rio de Janeiro: Funarte/INM, 1985.

GOMES, Fábio. **Jornalismo Cultural**. Brasileirinho Produções: 2005. Disponível em: <<http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>>. Acesso em 17 ago. 2009.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

LIMA, E. A. Música caipira: hibridismo, identidade e (des) construção. In: Encontro Regional da ABRALIC, 11, 2007, São Paulo. **Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo: e-book, 2007. p. 01-12.

LOPEZ, Débora. FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica**: um estudo das reportagens na revista Raiz. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/>. Acesso em: 15 ago. 2009.



MUGNAINI JR, Ayrton. **Enciclopédia das músicas sertanejas**. São Paulo: Letras & Letras, 2001.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: 1999.

ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **RBCS**, n.1, p. 43-63, jun. 1986.

PAVAN, Ricardo. O sertanejo midiaticizado: gêneros e mediação na conexão popular/massivo. In: Simpósio Regional de Ciências da Comunicação, 7, 2006, Campo Grande, MS. **VII Simpósio Regional de Ciências da Comunicação**. Campo Grande, MS: INTERCOM/UFMS, 2006.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é música sertaneja**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

RODRIGUES, Elisângela. **Canções Sertanejas: um diálogo entre raízes e ideologias**. Tubarão, Santa Catarina, 2003. 81 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2003.

SOUZA, Walter de. **Moda inviolada: Uma história da música caipira**. São Paulo: Quiron, 2005.

TALESE, Gay. **Aos olhos da multidão**. Rio de Janeiro: Expressão & Cultura, 1973.

WOLF, Mauro. **História das teorias de comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

## ANEXOS

**Entrevistado:** Pena Branca

**Data:** 15/07/09

**Local:** Casa do Chiquinho Rozado, um dos violeiros entrevistados

Pena Branca é um consagrado violeiro do Brasil. Seu verdadeiro nome é José Ramiro Sobrinho e, junto com o irmão Ranaulfo Ramiro da Silva, formava a dupla *Pena Branca e Xavantinho*. Após a morte do irmão em 1999, Pena Branca seguiu carreira solo e continua fazendo shows pelo país.

**Fernanda:** Qual é a importância de manter a cultura da viola hoje?

**Pena Branca:** Falar que é difícil? Não pode ser difícil. É que nem uma criança que vai aprender a ler, parece difícil pra ela, mas você tem que tentar, tentar aprender a ler e tal. Eu acho que isso é a mesma coisa. Porque a música raiz é uma coisa muito sagrada. Eu a comparo com feijão com arroz, que não pode falta na mesa.

**Fernanda:** O que o senhor acha do sertanejo universitário?

**Pena Branca:** Eu acho interessante porque eu acho que tanto faz o que eu faço e o que eles fazem é a mesma coisa. Eles inventam nome pras músicas só pra poder vender, mas é essa mesmo. A música é uma só, vai do gosto. Mas eu acho que eles ficam pondo nome nas músicas pra poder vender.

Muitas vezes as duplas de raiz são chamadas para participar do piloto dos programas musicais. Mas, quando o programa vai para o ar, aqueles que gravaram o piloto não são chamados. No lugar deles entra o caipira moderno.

Mas, olha... Eles me respeitam muito, o trabalho de raiz que eu faço. Às vezes eu encontro com eles, eu tenho assim um negócio que eu falo pra eles: Vocês sabem de uma coisa? Vocês estão com o poder na mão, então gravem, se gravarem 14 músicas, gravem duas músicas de raiz, que ajuda a gente.

E aí então é uma coisa que eu faço muito e fico pensando... Porque às vezes você chega no rádio, e o rádio só toca música deles. Mas, está tudo bom demais. A gente dá um jeito.

Boa sorte pra você. Esse trabalho seu é muito importante, muito bom demais.

**Entrevistado:** Zé Mulato

**Data:** 16/07/09

**Local:** Espaço Multiuso da UFV

Zé Mulato e seu irmão, Cassiano formam uma das mais importantes duplas caipiras em atividade no Brasil. Seus verdadeiros nomes são José das Dores Fernandes ( Zé Mulato) e João Monteiro da Costa Neto ( Cassiano).

**Fernanda:** Da onde vem o nome da dupla?

**Zé Mulato:** Meu nome é José das Dores Fernandes. João Monteiro da Costa Neto é o Cassiano. De uma cidade mineira chamada Passabém, essa é nossa cidade. Eu tinha um apelido na minha terra, quando novo, Zé do mulato. Aí na época da gente começar a dupla que nós botamos Zé Mulato e Cassiano.

**Fernanda:** Como você se interessou pela viola?

**Zé Mulato:** Nós nascemos no meio dela. O meu pai era tocador de folia e tocava cavaquinho. Mas eu tinha um conhecimento com um andarilho que apareceu na minha terra, chamado Raimundo Roda, Roda porque rodava o mundo. E ele me ensinou as primeiras posições de viola, eu era menino ainda. Então eu comecei a me apaixonar pela viola. E quando viemos para Brasília, eu moro em Brasília, Cassiano ainda era menino na época, e começamos a tocar viola, ele é bom no violão a vida toda, começou já bem, e foi onde formamos a dupla Zé Mulato e Cassiano.

**Fernanda:** O que você acha dos outros ramos da música sertaneja, a romântica, a universitária?

**Zé Mulato:** Ah, eu até nem gosto muito de falar nesse povo, porque o meu jeito de ver isso aí seria como se fosse um subproduto da música caipira, pra ser bem caridoso ainda. É um subproduto, foi gravando a música caipira, cantado em dueto e não tinha outro nome pra colocar, colocou sertanejo.

**Fernanda:** Você acha que eles fazem música só para vender?

**Zé Mulato:** Só pra vender. Não se preocupam com poesia, nem com mensagem nenhuma. Mas assim mesmo, Deus é tão bom, que alguma coisa já sai de positivo, mas a maioria é só mesmo a título de vender, não é a título de passar mensagem, mas acaba passando porque quem manda na realidade não somos nós, nem eles, nem a gente. É o grande público e o capitalismo. E poesia quer dizer expressão da alma, toda alma que tem algum sentimento é expressão que tem do sentimento. Para circular o cara só quer dinheiro e fama e baboseira, fala baboseira. Ai uma hora ou outra ele está com a benção e com um sentimento realmente limpo e acaba passando uma mensagem também limpa com o sentimento da alma.

**Fernanda:** Você acha que os chamados *novos violeiros* estão tentando resgatar a música raiz?

**Zé Mulato:** Me perdoe, mas você cutucou uma cara meio rombudo. Para começar a música sertaneja não precisa de resgate porque ela nunca se perdeu. Você só resgata o que foi perdido. A música sertaneja de verdade, música raiz, nunca se perdeu. Perderam-se brasileiros sem nação que começaram imitar americano e esqueceu de ser brasileiro. Esses que tem que ser resgatado, a música continua viva, firme e forte. Aí nós temos uma felicidade de poder continuar com ela, mostrar, não resgatar, mostrar pra os que não estão enxergando nada, uma música realmente de raiz, que pode ser chamada de caipira, porque eu me sinto muito bem sendo chamado de caipira, sou muito bem tratado assim. Caipira pra mim quer dizer autenticidade, verdade, amor à sua pátria, isso tudo quer dizer caipira. O que precisa de confeite, de alegoria, de enfeite é justamente o que não é bem sertanejo, o caboclo que é bem sertanejo, pode ser chamado de caipira, sertanejo, de qualquer coisa. Então nós não temos que resgatar não, nós temos é que regar, tratar de uma planta viva, que tá forte, que é nossa música.

**Fernanda:** Então o senhor acha que ela nunca morreu?

**Zé Mulato:** Não, de jeito nenhum. Morreu o sentimento de alguns maus brasileiros, só isso.

**Fernanda:** Você que o jornalismo abre espaço para a música sertaneja de raiz?

**Zé Mulato:** Abre sim. O jornalismo é uma ciência, até às vezes criticada, mas é a única ciência que permite o camarada ser realmente franco. Então o jornalismo tem o direito e o dever de ser franco, dizer o que sente e como sente do jeito que é. Então eu me sinto muito bem também com

o jornalismo, porque a nossa música não tem alegoria, nós vamos do jeito que vamos. O jornalismo pode falar o que quiser da gente que ele vai dizer a verdade.

**Entrevistado:** Pinho

**Data:** 14/08/09

**Local:** Minha casa

Conhecido como Pinho, Pedro Moreira mora em Belo Horizonte. Além de violeiro, Pinho é Editor da *Revista Viola Caipira*.

**Fernanda:** Você sabe qual a origem da palavra caipira?

**Pinho:** O termo *caipira* - do [tupi](#) *ka'apir* ou *kaa-pira*, que significa "cortador de mato" - é o nome que os [índios](#) [guaianás](#), do [interior do estado de São Paulo](#), deram aos [colonizadores](#) [brancos](#), [mulatos](#) e [negros](#).

**Fernanda:** E o que é ser caipira pra você?

**Pinho:** Ser caipira é comungar com a natureza, tirando dela o sustento e o aprendizado para toda uma vida dedicada ao plantio e à lida com o gado. Mas ser caipira é também um estado de espírito, que envolve uma postura simples e humilde diante das necessidades do mundo moderno.

**Fernanda:** Qual a relação do nome sertanejo e caipira? Por que a música sertaneja de raiz é chamada de música caipira?

**Pinho:** “Sertanejo”, a partir da segunda década do século XX, foi a denominação genérica e usual para toda música popular com características rurais, que faziam uso de violas caipiras e acordeons, vocalização em dueto e atmosfera interiorana. O termo costuma ser utilizado como sinônimo de música caipira, ou seja, a música da região Centro-Sul do país.

**Fernanda:** E a viola, você sabe o motivo dela ter se tornado o principal instrumento da música sertaneja de raiz?

**Pinho:** Os jesuítas trouxeram a viola ao Brasil visando a aproximação e a catequização dos índios, que se encantavam com o som das dez cordas. Durante um período a viola reinou absoluta

tanto na roça quanto nas cidades, mas com a chegada do violão à corte, foi renegada e se manteve nas áreas rurais até o início do século XX, quando recuperou seu *status* com o movimento de Cornélio Pires.

**Fernanda:** A letra da música caipira é sempre sobre o cotidiano da roça?

**Pinho:** A principal característica da música caipira é trazer em suas letras o dia a dia do caboclo no ambiente onde ele vive. É importante lembrar que essa música serviu, durante muito tempo, como veículo de transmissão das tradições e histórias do nosso povo, devido às dificuldades de registros da época.

**Fernanda:** Qual a importância de Cornélio Pires no cenário da música caipira?

**Pinho:** Jornalista, escritor, poeta, folclorista e cantador, Cornélio Pires não só foi o primeiro a produzir um disco de música caipira de forma independente, em 1929, como também foi o responsável pela sua divulgação, através de um teatro ambulante, levando artistas caipiras à maioria das cidades da região centro-sul do país.

**Fernanda:** Quais as melhores duplas de música caipira pra você?

**Pinho:** Pra mim Tião Carreiro e Pardinho merecem um lugar de destaque devido à qualidade tanto do dueto quanto do instrumental, mas admiro as duplas mais velhas como Carreiro e Carreirinho, Zico e Zeca, Liu e Léu, Vieira e Vieirinha, Cacique e Pajé, Zilo e Zalo, Jacó e Jacózinho e Tônico e Tinoco; os intermediários Zé Mulato e Cassiano e Goiano e Paranaense; e da turma mais nova, como João Carlos e Maurício e Fernando e Osmair.

**Fernanda:** Por que você acha que em determinado momento surgiu um outro ramo da música sertaneja, a chamada sertaneja romântica? Por que ela não pode ser considerada música de raiz? E por que ela é chamada de “breganeja”?

**Pinho:** Com o tempo, para se manter no mercado, a música rural brasileira passa por uma reformulação geral trocando o velho chapéu de palha pelos vistosos chapéus de feltro americanos e óculos escuros, tornando os cantores mais sofisticados. Com essa mudança, vieram aproveitadores dispostos a fazer fortuna, sem compromisso algum com as raízes. O termo

“breganejo” traduz o universo onde se situa essa nova modalidade musical: o brega romântico cantado em dueto.

**Fernanda:** E a música sertaneja universitária, é diferente da sertaneja romântica? Por que?

**Pinho:** Não vejo diferença entre elas. O movimento chamado “Sertanejo Universitário” nada mais é do que jovens músicos de faculdade adeptos desse gênero musical, incluindo outros estilos no repertório.

**Fernanda:** Quem são os chamados novos violeiros? Qual a diferença deles para os antigos? Eles estão tentando resgatar a antiga música caipira?

**Pinho:** Os chamados “novos violeiros” não buscam o resgate da música caipira, mesmo porque a música caipira não precisa ser resgatada, mas sim respeitada. Entre eles temos o Almir Sater, Braz da Viola, Pereira da Viola, Paulo Freire, Roberto Corrêa, Fernando Sodré e muitos outros que, como esses, buscam a evolução da viola. O que tem de novo nesses violeiros é o jeito de tocar a “velha” viola caipira. São as influências diversas dos músicos tornando a execução da violinha diferenciada, criando assim novas sonoridades para o instrumento.

**Fernanda:** Para você o jornalismo, a mídia, abre espaço para a música sertaneja de raiz?

**Pinho:** Não. Definitivamente, não vejo a mídia interessada nesse gênero musical e nem empresas dispostas a difundi-lo no mercado nacional. Existe sim uma curiosidade por parte de alguns quando o assunto vem à tona, mas apenas isso. A música caipira não é comercial, não é modismo e, portanto não vende o suficiente para chamar a atenção do mercado a ponto de ser um segmento rentável.

**Fernanda:** Você acha que a música caipira está “morrendo”? Para você, qual é o futuro da música caipira?

**Pinho:** A música caipira está bastante enraizada e não corre risco nenhum de “morrer”. Ela se manteve viva durante todos esses anos longe da mídia e vem se renovando com novos artistas, novas levas de compositores e grandes violeiros. O que podemos sentir é que as letras vêm

sofrendo modificações, uma vez que os novos caipiras residem hoje nas cidades e vêm perdendo o contato com a natureza, restando apenas as lembranças contidas nas composições do passado.

**Fernanda:** Quando e por que você começou a tocar viola?

**Pinho:** Tenho contato com a música caipira desde a minha infância, vivida na fazenda dos meus avós. A viola chegou através do meu irmão mais velho, que aprendeu a tocá-la aos 13 anos. Na minha juventude, me dediquei ao rock e ao blues, porém sempre ouvindo Tião Carreiro. Aos 41 anos, portanto há seis anos atrás, comprei uma viola e decidi aprender a tocá-la, começando meus estudos. O que a princípio era apenas um hobby tornou-se uma paixão, e hoje tenho um CD lançado e preparo um segundo CD, instrumental.

**Fernanda:** De quem foi a idéia de fazer uma revista sobre viola?

**Pinho:** A idéia de lançar uma revista sobre viola caipira partiu de mim, durante o início do meu aprendizado, ao verificar que no “país da viola” não havia uma única publicação dedicada ao instrumento. Como publicitário não tive dificuldades para levar a idéia adiante, e em 10 de junho de 2003, aconteceu o lançamento da Revista Viola Caipira durante o evento “Expocahacaça”, em Belo Horizonte - MG.

**Fernanda:** Existe alguma outra revista sobre viola no Brasil?

**Pinho:** Não. E, se não conseguirmos um patrocínio urgente, a Revista Viola Caipira deixará de existir em breve.

**Fernanda:** O que você achou da experiência de fazer a revista? Quais foram as maiores dificuldades?

**Pinho:** Bastante gratificante principalmente no que diz respeito ao convívio com os ídolos da minha infância que ainda estão atuando, e para a minha formação musical nessa área. Contudo as dificuldades são muitas para manter uma revista cultural nesse país. O descaso é total por parte dos políticos e secretarias de cultura, e não há interesse das empresas em patrocinar ou anunciar quando o assunto é viola caipira. Mas mesmo que a revista acabe, tenho certeza de que minha idéia não foi em vão e que a música caipira teve voz e vez em um veículo de circulação nacional.



**Fernanda:** Você costuma ir a muitos eventos de viola? Já tocou em algum? Quando?

**Pinho:** Desde o lançamento da revista venho participando de eventos de viola em vários cantos do país (que tem aumentado consideravelmente nos últimos seis anos). A princípio ia apenas como fotógrafo cobrir os eventos, mas desde o lançamento do CD em 2008, passei a participar como músico em vários deles.

**Entrevistado:** Chiquinho Rozado

**Data:** 03/09/09

**Local:** Casa do entrevistado

Francisco de Assis, mais conhecido como Chiquinho Rozado, mora em Viçosa e é contador e um incentivador da cultura. Amante da viola, Chiquinho cria diversos projetos para divulgar e manter a tradição da música sertaneja de raiz em Viçosa e onde mais ele conseguir.

**Fernanda:** Você sabe qual a origem da palavra caipira?

**Chiquinho:** O termo caipira é adaptado do idioma tupi ka' apir ou kaa-pira e significa cortador de mato, nome que os indígenas deram aos colonizadores brancos, caboclos, mulatos e negros.

**Fernanda:** E o que é ser caipira pra você?

**Chiquinho:** É ter origem na roça e viver da terra sem se preocupar em acumular riqueza

**Fernanda:** Qual a relação do nome sertanejo e caipira? Por que a música sertaneja de raiz é chamada de música caipira?

**Chiquinho:** O nome sertanejo era usado para identificar o **caipira** até acontecer a invasão da música americanizada que roubou o termo. No meu entendimento os defensores da música raiz passaram a utilizar o termo caipira na tentativa de esclarecer melhor a proposta.

**Fernanda:** E a viola, você sabe o motivo dela ter se tornado o principal instrumento da música sertaneja de raiz?

**Chiquinho:** O violão é um instrumento pelo menos quinhentos anos mais novo do que a viola. A viola veio para o Brasil nas Caravelas de Cabral e era utilizada como forma de se aproximar dos índios e até mesmo na catequese. Como o Brasil era um país essencialmente agrícola, a viola se tornou parte integrante da cultura brasileira.

**Fernanda:** A letra da música caipira é sempre sobre o cotidiano da roça?

**Chiquinho:** Não. A música caipira aborda variados temas entre os quais a religião e a discriminação entre os povos.

**Fernanda:** Qual a importância de Cornélio Pires no cenário da música caipira?

**Chiquinho:** O personagem mais importante da história da música caipira. Foi ele que acreditou no potencial da música caipira e viabilizou, com recursos próprios, a gravação do primeiro disco, apesar da discriminação por parte das gravadoras da época.

**Fernanda:** Quais as melhores duplas de música caipira pra você?

**Chiquinho:** São inúmeras, mas posso citar das mais antigas, Alvarenga e Ranchinho, Jararaca e Ratinho, Zé Carreiro e Carreirinho, Zé Fortuna e Pitangueira, Tônico e Tinoco, Tião Carreiro e Pardinho e das mais recentes, Zé Mulato e Cassiano, Cacique e Pajé, Liu e Léu, Goiano e Paranaense, Eli Silva e Zé Goiano, Marcos Violeiro e Cleiton Torres e João Carlos e Maurício.

**Fernanda:** Por que você acha que em determinado momento surgiu um outro ramo da música sertaneja, a chamada sertaneja romântica? Por que ela não pode ser considerada música de raiz? E por que ela é chamada de “breganeja”?

**Chiquinho:** Na verdade esse ramo não é sertanejo. É música romântica cantada em dueto. Não pode ser considerada música raiz porque não tem conteúdo. Os compositores da música raiz são verdadeiros poetas com versos bem rimados e com métrica perfeita. O termo breganejo, a meu ver, é usado para definir letras pobres e temas mesquinhos.

**Fernanda:** E a música sertaneja universitária, é diferente da sertaneja romântica? Por que?

**Chiquinho:** É apenas um apelido da música breganeja.

**Fernanda:** Quem são os chamados novos violeiros? Qual a diferença deles para os antigos? Eles estão tentando resgatar a antiga música caipira?

**Chiquinho:** São aqueles que introduziram a viola na faculdade e vislumbraram novas vertentes de violeiros. Através deles a viola se tornou mais conhecida e hoje é utilizada em quase todos os estilos de música. Além de popularizar a viola, gravam e divulgam antigos clássicos com novos arranjos.

**Fernanda:** Para você o jornalismo, a mídia, abre espaço para a música sertaneja de raiz?

**Chiquinho:** Não. O objetivo da mídia é o lucro fácil e por isso só investem no descartável.

**Fernanda:** Você acha que a música caipira está “morrendo”? Para você, qual é o futuro da música caipira?

**Chiquinho:** Não. Nossas raízes são muito profundas. O Brasil é muito grande e mesmo diante do chamado êxodo rural, tem muito caipira espalhado por aí. O Estado precisa adotar a educação como meta principal e cobrar das emissoras de rádio e TV um espaço dedicado à cultura popular. Assim não correremos o risco de extinção.

**Fernanda:** Quando e por que você começou a tocar viola?

**Chiquinho:** Eu sou admirador da viola, mas o instrumento que eu toco é violão. Comecei com onze anos

**Fernanda:** Você costuma ir a muitos eventos de viola? Já tocou em algum? Quando?

**Chiquinho:** Desde 2003 estou participando de vários eventos como shows e festivais. Já participei do Festival Viola de Todos os Cantos no Sul de Minas em 2004 e 2005 e venci o FestViola em Piacatuba, distrito de Leopoldina em 2007. Também em Piacaba participei como jurado no ano de 2008.

**Fernanda:** O curso de agronomia é o mais importante da UFV. Você acha que isso influencia as pessoas a ouvirem música sertaneja em Viçosa? E essa música seria a sertaneja de raiz ou a “breganeja”?

**Chiquinho:** Poucas pessoas da nova geração apreciam realmente a música caipira. A maioria deles confunde os estilos. Os chamados sertanejos hoje, ou seja, os breganejos, andam gravando música raiz, mas sem nenhum compromisso com o seu verdadeiro valor nem com a sua divulgação. É apenas mais uma carona...

**Fernanda:** Você já fez e faz vários projetos para levar a música de raiz às pessoas. Fale um pouco sobre eles, quando começou, do que se trata exatamente, etc.

**Chiquinho:** O Programa Cheiro de Relva que comando desde outubro de 1997, tem como objetivo divulgar a música e a cultura caipira em todos os lugares possíveis. Cheguei a aprovar por dois anos consecutivos o projeto chamado Circuito Universitário Violas e Canções, que pretendia levar a música raiz para as universidades federais em Minas Gerais, mas não consegui captar recursos para a execução. É como eu já disse: As empresas preferem investir nem artistas da mídia.

Atualmente estou visitando os bairros de Viçosa aos domingos num novo projeto chamado Toca Viola que reúne os violeiros de Viçosa, preferencialmente na praça do bairro.

**Fernanda:** Qual a importância do grupo “Amigos da Viola” em Viçosa? Você acha que eles estão contribuindo para manter viva a música de raiz?

**Chiquinho:** É de grande importância para a cidade. Vários violeiros do grupo participam do Toca Viola e a contribuição é essencial para manter a viola num lugar de destaque.

**Entrevistado:** Joel Dias

**Data:** 10/09/09

Joel mora em Viçosa e é violeiro e lutiê (fazedor de viola). Atualmente ele coordena o *Clube Amigos da Viola*. Sua esposa Júlia o ajuda nessa função.

**Fernanda:** Como você se interessou pela viola?

**Joel:** Ai sim, você toco num ponto legal. Que eu cresci na roça ouvindo música raiz. Tonico e Tinoco, Abel e Caim, Liu e Léo, Teixerinha, Morena e Moreninha, ou seja, a velha guarda da música raiz. Comecei a toca violão eu tinha 18 anos, comecei com violão. Só que o violão não atendeu aquilo que eu queria, eu queria mais pra chegar nas musicas que eu ouvia. Aí que eu optei pela viola. Aí toquei um pouco de viola, mas não ficou lá essas coisas não, teria que aperfeiçoar mais. Ai há uns 6 anos agora, mais ou menos, eu resolvi fazer um minicurso de viola com uma pessoa mais velha pra adquirir mais prática na viola. Ai agora eu abandonei o violão de vez e passei pra viola e não quero saber de violão mais.

**Fernanda:** Você participa de alguma dupla de viola?

**Joel:** Tenho uma dupla, se chama Zé Rochedo e Joel da Viola. E eu também participo do grupo no qual eu sou o atual presidente. É o grupo Amigos da Viola de Viçosa, na função de presidente e de arranjador das músicas. Eu escolho, faço um roteiro das músicas, os arranjos das músicas, enfim, faço a coordenação geral, qual música deve ir pro repertório, qual que não deve, qual está melhor, qual que deve ser excluída do repertório, que o pessoal não dá conta de tocar.

A gente tem ensaio uma vez por semana no espaço Hervê Clodovil, a Estaçãozinha de Viçosa. Temos várias apresentações, não só em Viçosa. Já fizemos em Oratórios, fizemos em São Miguel do Anta, fomos em B.H., inclusive nós gravamos um programa com Chico Lobo, Viola Brasil. Só que lá eu não levei a turma toda. Eu levei, porque o estúdio é pequeno, só dez comigo. Então esse programa, se não tiver no ar, deve ta indo esse final de semana pro ar. Foi recente, no mês de agosto. No mês de setembro agora nós já fomos em Oratórios de novo, temos agenda pra Rio Doce, temos aqui em Cajurí. No final do mês aqui na praça de Viçosa vai ser o evento que se chama Minas ao Luar, nós (Clube da Viola) também fomos convidados pra participar. Então assim, a agenda está bem cheia.

**Fernanda:** Desde quando você está na presidência do grupo?

**Joel:** Desde janeiro de 2009. Eu era componente do grupo. Eu entrei pro grupo no finalzinho de 2007. Antes eu tocava mais pra mim mesmo, pra amigos. Aí depois que eu entrei pro grupo é que e comecei a mostrar mais o meu trabalho.

**Fernanda:** O que você acha da música sertaneja universitária?

**Joel:** O sertanejo universitário está fazendo uma escada em cima da música raiz. Eles deram o nome de sertanejo universitário pra chamar a atenção dos jovens, a verdade é bem essa.

O Zé Mulato eu tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente na Semana do Fazendeiro, nós tocamos também na Semana do fazendeiro. Tive o prazer de conversar com ele, trocar idéia com ele, muito legal, gosto demais do estilo dele. Então assim, a minha opinião é a mesma dele, eu concordo com ele plenamente. Eu acho que eles fizeram um degrau em cima da música raiz pra tentar abrir caminho, mas não é por ai. Porque tem muita diferença, música raiz e esses outros ramos da música sertaneja, embora haja confusão. Neles você não houve uma viola, você vai ouvir bateria, contra-baixo, teclado, guitarra elétrica, mas a viola, se você prestar atenção na música raramente você vai ouvir, muito difícil. Enquanto que a música sertaneja de raiz é tocada com viola e violão. Quando muito uma percussãozinha muito levinha, muito raro acontecer também. Mais é viola e violão e sanfona. São os três instrumentos que era usado e ainda é até hoje. Por exemplo, o Zé Mulato e Cassiano não admitem outro instrumento na gravação deles, é a viola e o violão. Ele até brinca que “eu e meu irmão somos duas bandas, a banda de cá e a banda de lá”.

**Fernanda:** Como se dá a música caipira em Viçosa?

**Joel:** Viçosa até uns dez anos atrás não era muito divulgada a viola não. Isso começou a dez, doze anos atrás, um movimento que se chamava Cheiro de Relva. O Chiquinho Rozado reunia alguns amigos e deu início ao projeto, que hoje dá nome ao programa da rádio dele, tem um show que ele faz na cidade que leva o mesmo nome. Eu lembro que ele já conversou comigo, que quando ele começou com a música raiz aqui em Viçosa foi um tapume muito grande. Não foi bem aceito os diretores da rádio não estavam concordando muito, não tava tendo audiência. Foi difícil pra começar mesmo, mas foi.

Quando eu comecei a fabricar instrumento não vendia tanta viola quanto se vende hoje. As minhas encomendas eram mais de violões. Por incrível que pareça hoje está quase igual, está tendo muita procura de encomenda de viola.

O universitário, ele não ta nem muito preocupado com a qualidade da viola não. Mas o cara que toca uma viola bem tocada, ele manda fazer uma viola, porque é diferente. Não querendo

desfazer da indústria de forma alguma, mas que é difícil tocar numa viola industrial, é. Muita diferença mesmo. Eu pelo menos, se uma pessoa pedir pra mim “eu quero que você toque no show, mas eu quero que você toque uma viola de tal indústria”, eu não vou. Eu não vou conseguir tocar nessa viola de forma alguma, é uma viola que não agrada mesmo, é difícil de tocar. Músico que se preocupa com qualidade, manda fazer uma viola, mesmo que ele sue a camisa pra fazer essa viola, ele manda fazer.

**Fernanda:** Você acha que a música sertaneja de raiz morreu?

**Joel:** A música sertaneja de raiz não morreu, em alguns lugares do Brasil ela foi esquecida.

**Fernanda:** Por que você acha que em determinado momento surgiu um outro ramo da música sertaneja, a chamada sertaneja romântica? E porque a música de raiz foi deixada um pouco de lado?

**Joel:** No começo... Vou citar um exemplo, Tonico e Tinoco. Eles usavam botina, camisa rasgada, e eles tocavam em circo, muitas vezes eles iam de um lugar pra outro de carona, trem de ferro, carro de boi. É o que eu li sobre eles, eles mesmo relatando. Pode ser que seja por aí, quando veio a música americana, eles pensaram “os cara lá, todo arrumadinhos, não sei o que” e começaram a mudar o estilo de apresentar, vestindo melhor.

Mas, pela música ter sido deixada um pouco de lado, eu acho que foi mais a mídia mesmo, é o que tá acontecendo com o sertanejo universitário hoje. É a mídia, o cara põe na rádio aí, o cara começa a ouvir, começa a ouvir. O que o povo escuta muito, o povo gosta, a verdade é essa. Então se fizer uma substituição da música sertaneja universitária no horário nobre, por exemplo, que é na parte da manhã, de 8 horas em diante, começar a tocar música raiz, eu acho que com o passar do tempo mudaria.

**Fernanda:** A mídia, o jornalismo, dá espaço pra música sertaneja de raiz?)

**Joel:** Não dá muito não, a verdade é bem essa, não dá muita chance não. Exceto uma revista igual do Pinho, por exemplo, que abrange toda essa área. É até bom que tivesse mais. A grande mídia não dá esse espaço, a mídia quer dinheiro, não quer saber de muita cultura, quer dinheiro. Infelizmente a música universitária vende, a realidade é essa.

**Fernanda:** Você acha que é possível se sustentar apenas tocando viola?

**Joel:** Literalmente eu vivo da viola, porque eu sou lutiê também, que fabrica viola. Fabrico viola e violão, então literalmente eu vivo da viola. Não gosto muito desse nome não (lutiê), prefiro falar fazedor de viola. Eu acho estranho o nome porque viola é uma coisa tão caipira.

O que eu faço da música, hoje em dia, está sendo mais por gosto e por divulgação, e por tentar ajudar a manter viva essa música. Até hoje com música mesmo não consegui ganhar dinheiro ainda não, espero que um dia eu chegue lá, mas até então, pelo contrário, a gente está investindo muito nisso.

Eu mais meu parceiro estamos tentando mostrar nosso trabalho. Vê se a gente consegue fazer um show, porque se começar a fazer um show aqui, outro ali e o pessoal gostar, a gente consegue alguma coisa. Mas é difícil, a gente vai tentar, mas que é difícil, é. Sobreviver da música, gravar um disco, divulgar um disco é muito difícil, do nosso estilo.

Eu não desisto porque eu gosto muito, sempre gostei, não tenho vergonha nenhuma de falar que eu nunca escutei outra música, nunca parei pra ouvir outra música mesmo. Cresci ouvindo essa música, ouço até hoje. To fazendo a minha parte hoje que eu posso fazer, pra não deixar apagar mesmo. Gostaria que tivesse mais pessoas que fizesse o que eu faço.

**Entrevistado:** Fábio Lopes

**Data:** 24/09/09

**Local:** Casa do entrevistado

Fábio mora em Viçosa, onde trabalha como secretário escolar. Ele é violeiro e integrante do *Clube Amigos da Viola*.

**Fernanda:** Como você se interessou pela viola?

**Fábio:** Eu nasci em Resplendor, Leste de Minas e vim pra Viçosa em 1994. Hoje sou secretário escolar. Eu comecei a minha carreira musical tocando violão, carreira entre aspas. Aprendi os primeiros acordes aos sete anos de idade. Parei um pouquinho, uns dois anos depois fui pra flauta, voltei aos 12 anos pro violão e creio que aí fui a primeira vez que eu tive contato indireto



com uma viola. Porque na época a pessoa que tava me mostrando alguns acordes, me dando algumas orientações explicou: a diferença é que o violão tem seis cordas e a viola tem 10. Mas eu nunca tinha parado, nessa época, pra ouvir. Embora na minha infância, perto da casa da minha avó, tinha uma loja de discos e tocava muita música sertaneja. Sertaneja e caipira, depois tem essa diferenciação que eu posso explicar melhor.

Ai ouve um festival de canção aqui em Viçosa no ano 2000 no qual uma dupla foi vencedora, ganhou como a melhor música e também como melhor arranjo, eles fizeram catira na apresentação, uma coisa maravilhosa. E a partir daí eu comecei a pegar o gosto aquele instrumento pequenininho, um som tão lindo. Aí um amigo meu que também tava presenciando a coisa, falava “nossa, viola é coisa boa demais”. Chegou pra mim e falou “você tem que conhecer Renato Andrade. Aquele ali (ele falou pra mim assim) é o Papa da viola”. Eu falei “Renato Andrade eu nunca ouvi falar”. E ele falou “agora você já ouviu. Eu vou mostrar pra você um CD”. Aí ele me emprestou um CD pra ouvir, era um CD que tava até relativamente novo no mercado, e eu me encantei de vez. Porém naquela época eu tava mudando de curso, eu fazia Engenharia Civil e fui pra geografia e comecei a estudar um pouco mais pra geografia.

Voltei a ouvir mais viola a partir de 2005, a pedido de muitos colegas que às vezes iam em excursão e tal e queriam músicas sertanejas, especialmente Bruno e Marrone, César Menotti e companhia limitada. Ai comecei a ouvir esse estilo de música e numa dessas fui ver uma duplas tocando uma viola e falei “ opa, é esse instrumento que eu gosto”. Aí fui me interessando, me interessando mais, procurando, pesquisando, comecei a ouvir mais, baixei um bucado de música também e to nessa até hoje. Tocar viola mesmo foi a partir de 2007.

Em 2007 eu tava indo pro Banco do Brasil pra fazer um pagamento. Próximo dali eu ouvi um som e falei “eu tenho que saber o que é isso, esse som me é familiar”. Eram várias violas tocando junto com violão, e as músicas no estilo que eu gosto, músicas caipiras e tal. Fui prestar atenção lá e era o pessoal que tava ensaiando.

Aí fui convidado pelo Eônio pra entrar e assistir aos ensaios. E eu tenho uma mania muito ruim de acompanhar as músicas. Ele percebeu que eu estava cantando as músicas com uma voz alta e no segundo ensaio ele falou assim pra mim “vem cá cantar com a gente, se tiver algum instrumento você traz também”. Fez-me esse convite e eu falei “eu tenho uma viola, mas eu to

começando a rabiscar os primeiros acordes”. Ele falou “pode vir aqui, você vai aprender também com a gente”.

Ai beleza, a partir dali eu fui, parei um pouquinho por causa de uma dor que eu peguei nas costas, ai voltei em 2008 e falei “em 2008 eu vou pegar firme pra valer”. Voltei aos ensaios e também em 2007 tava dando conflito com horário de trabalho. Eu vinha pro trabalho e o ensaio, já naquela época, começava seis e meia da noite e eu chegava vinte pras oito, então eu perdia muita coisa. Já tinha sido convidado pra apresentar também ainda em 2007, mas não dava prazo e em 2008 eu peguei mais a sério.

A primeira apresentação foi em maio de 2008, do lado da Igreja de Fátima, da qual eu tenho até algumas músicas gravadas. A partir daí, to na estrada. Com dupla, to procurando. Eu já me apresentei uma vez com dupla, com o Geraldinho, que é do *Grupo Amigos da Viola* também, no dia 28 de junho deste ano (2009), num programa de rádio chamado *Amigos da Viola*, que estreou, teve uma outra edição na qual eu não participei, não pude ir, e depois foi interrompido por causa da nova gripe.

**Fernanda:** O *Clube Amigos da Viola* está crescendo?

**Fábio:** Sim. Quando eu comecei era assim “vamos ensaiar tal música? Vamos”. Era mais isso mesmo, mais por brincadeira. E eventualmente a gente tocava em algum lugar, festa de padroeiro, casamento, batizado, uma festa de família e não ia muito além disso. De 2008 pra cá começaram a surgir vários convites, apresentações, além do tradicional que a gente tinha.

E acho que o divisor de águas mesmo foi nesse ano, durante a festa do cavalo que foi um evento pra milhares de pessoas. Foi aqui em Viçosa, festa do cavalo dos Muares, no Espaço Aberto de Eventos da UFV. E ali tinha gente de vários estados do Brasil e foi transmitido um flash na TV Terra Viva. E também foram outras coisas, pessoas de cidade vizinha que vinham fazer encontro aqui, teve a semana do fazendeiro também, que é um evento de porte nacional e por último, que foi muito gratificante pra nós, foi um convite que o Chico Lobo fez pra gravar o programa *Viola Brasil*.

Temos que acordar agora porque o clube cresceu, cresceu em número de apresentações. Então acho que cada membro tem que crescer na sua qualidade, procurar aprender um pouquinho mais, ouvir mais as músicas que tão no repertório, sugerir músicas, e essas músicas que sugeriu, dá uma

aprimorada o toque. Porque até o ano passado mais ou menos, o pessoal ia lá porque sei lá, por diversão. Agora acho que essa diversão nossa está quase uma profissão.

São 21 integrantes no grupo. Tem as pessoas que acompanham, por exemplo, a Júlia (esposa do presidente, Joel) não trabalha com música, mas ela tá lá dando força, dá um palpite, é muito importante, orienta. Tem a esposa de um dos integrantes que vai sempre com a gente, acompanha o marido nas viagens.

**Fernanda:** Você acha que o grupo está fazendo seu papel de divulgar a música caipira?

**Fábio:** Está, porque aonde a gente vai, o pessoal gosta, e não tem idade. Um exemplo lá da vez que a gente foi a BH, a última apresentação nossa foi no meio a rua, em plena cinco horas da tarde e o pessoal que tava passando lá parou pra ouvir e aplaudir. Até quem tava nos prédios vizinhos olhava pra ver o que era, gostava daquilo. Eu acho que a música sertaneja de raiz, a música caipira, ela encanta pela sua simplicidade, a beleza dela tá na simplicidade, das suas mensagens, da forma como ela é feita, e acompanhada por um instrumento que eu sou suspeito pra falar porque eu gosto demais.

**Fernanda:** Por que você acha que em determinado momento surgiu um outro ramo da música sertaneja, a chamada sertaneja romântica?

**Fábio:** Eu acredito que pelo fato do Brasil ter crescido, acho que a indústria fonográfica, de discos, cresceu também. E, vamos dizer, o sertanejo modernizou. Foram incorporados, pra vender mais disco, outros estilos e também mais instrumentos. No caso aí, acho que o que foi incorporado a mais foi a bateria, que era usada muito em rock, principalmente, a guitarra eletrônica, o baixo. As duplas caipiras tradicionais, mais antigas, era viola, violão, ou então duas violas. Mais nos primórdios mesmo das gravações eram duas violas. E aí como viram que muitos resolveram abandonar as raízes partiram pra esse lado. Algumas letras deixaram de lado a temática do sertão e se você for olhar bem, a música ou é de traição, ou é de motel, hoje em dia tem até incentivo a bebida, enfim, eu sinceramente eu não vejo sertanejo nisso.

E engraçado é que tem o seguinte: que houve um momento que ainda tinha dupla gravando músicas com a temática ligada ao sertão e no mesmo tempo que tinham outras fazendo mais sucesso. Claro que as ligadas mais a raízes não estavam parecendo muito na mídia, mas o pessoal

chamava eles de sertanejo. E começou-se a usar o nome caipira, ou sertanejo de raiz, caipira raiz, pra fazer essa diferenciação. E essa diferenciação foi num momento que o Brasil teve uma bebida reconhecida lá fora (caipirinha), a velha mania nossa de não dar valor no que é nosso, teve que dá valor lá fora.

Aí a palavra caipira começou a não designar mais aquele sujeito atrasado, tal como descrevia o Monteiro Lobato no Urupês, o Jeca Tatu, ela começou a designar qualidade. Então, viola caipira (pra diferenciar da viola clássica), música caipira, galinha caipira, ovo caipira, etc. Hoje eu adoto esse nome, música caipira, justamente pra diferenciar. Porque se eu falo que eu toco música sertaneja o pessoal já pensa que é a música dessas duplas que tão fazendo sucesso hoje, que sinceramente, a maioria do seu repertório é uma música romântica em duas vozes. A única característica que preserva das músicas sertanejas mais antigas são as duas vozes.

**Fernanda:** Você acha que a música sertaneja universitária é diferente da romântica?

**Fábio:** Pra mim ela é diferente porque o seguinte, as duplas (Leandro e Leonardo, João Paulo e Daniel, Zezé de Camargo e Luciano, etc), algumas tinha um pezinho lá no sertão e essa era uma música, vamos dizer assim, romântica, era um bolero, guarânia, é uma música mais lenta, uma batida mais lenta, mais pop, mais romântica.

Já esse sertanejo do ano dois mil pra cá, que ganhou o nome de universitário, pra mim, sinceramente, parece um axé com duas vozes, já é uma música mais acelerada, é pra você dançar. Acho que nada me tira da cabeça que é um axé e uma mistura, bota umas guitarras eletrônicas, quase um rock pesado com axé, sei lá, uma mistura bizarra. Nada contra mistura de estilos, mas às vezes fica descaracterizado.

E o nome sertanejo universitário eu acho que talvez possa ser uma imitação do que aconteceu com forró no final dos anos 90. Alguns estudantes criaram o circuito universitário, foram buscar as raízes do forró e começaram a incorporar essas músicas no repertório do forró. Só que o trem cresceu, expandiu e a qualidade não acompanhou, virou uma coisa mercadológica.

O sertanejo talvez pra atrair o público jovem, muita gente fala “ah, eu não gosto de sertanejo, é trem da roça”, aí com o adjetivo universitário, o povo ouve. É coisa muito pra público jovem, pra

atrair. E com as experiências que eu já tive das festas sertanejas é esse estilo de música aí que toca e a maior parte do público lá é de jovens.

**Fernanda:** Viçosa é uma cidade propícia pra música sertaneja de raiz?

**Fábio:** É propícia, o curso de agrárias pode até ajudar. Muitos desses agroboys ouvem o sertanejo “universitário”, que é o adjetivo que eu dou, mas também muitos conhecem as modas de viola, conhecem a música raiz, pouco, mas conhecem. E tem ainda um certo preconceito, não dos estudantes de agrárias que vieram da roça, mas dos próprios estudantes de não aceitar a música. E a universidade já abriu espaço pra várias pessoas de apresentarem. Uma prova contundente que foi fantástica foram as apresentações do Grupo Cheiro de Relva no evento Violas e Canções e ali lota, o centro de vivência fica lotado. Na semana do fazendeiro eles estão chamando artistas mais ligados a terra. Já teve também apresentação na estaçãozinha da UFV, ali variaram seus estilos, mas a que mais me chamou a atenção foi quando Pereira da Viola tava lá. Nossa! Aquilo foi de emocionar a gente.

Então eu acho que o público universitário deveria ter mais acesso a isso, procurar um pouco mais.

**Fernanda:** A mídia abre espaço pra música sertaneja de raiz?

**Fábio:** Acho que eles não dão o devido espaço. Você pode ver os horários dos programas de rádio que tocam música, tanto caipira quanto sertaneja, ou é muito cedo lá pelas seis horas da manhã, ou então é muito tarde, lá no começo da noite. Mas, isso tem uma explicação, porque as grandes cidades do Brasil foram construídas por caipiras, ou por nordestinos, ou as 2 coisas. E, nesses horários era quando o pessoal estava levantando ou voltando do trabalho, então é pra esse público.

Quanto à televisão, são raríssimos os programas. Tem uma coisa que é inusitada no Brasil, os programas de música aqui, independente de qual for o estilo, eles não vingam. O programa de raiz que tá a mais tempo no ar é o *Viola, Minha Viola*, 29 anos. Outro também que tá a muito tempo no ar, chama *Brasil Caipira*, que tá a 17 anos no ar.

**Fernanda:** O que você acha dos novos violeiros?

**Fábio:** Cada violeiro busca um estilo diferente, mas todos eles têm um ponto em comum. Quando pega a viola eles vão beber da fonte caipira, pode até não ser o estilo que ele toca, mas em algum momento da vida, ou da carreira dele, ele tocou.

**Fernanda:** Para você, qual o futuro da música sertaneja de raiz?

**Fábio:** Ela pode continuar, acho que ela continua sim, que agora tem várias maneiras de perpetuar isso ai. Uma delas são as orquestras de viola. E eu comecei também a ouvir muita orquestra de viola a partir de 2006.

Eu ouvi um verso acho que é do Tião Carreiro “Quando chegar o ano 2000, se tiver uma viola, vai ter um violeiro”. Já passamos do ano 2000 e a viola cresceu de lá pra cá. Hoje você vê muita gente procurando uma viola pra tocar.

Pela realidade que eu vejo hoje em Viçosa, Minas Gerais, aqui tem uma procura por viola. A viola ta resistindo. Já foi o instrumento mais popular do Brasil, ainda continua um instrumento muito popular, perdeu pro violão, mas ainda continua muito popular.

**Fernanda:** Você acha que é possível viver só da música sertaneja de raiz?

**Fábio:** Na atual circunstância não. A pessoa tem que ter uma carreira muito sólida. Um exemplo é o Tinoco, ele está passando por uma situação financeira muito ruim, a carreira dele começou em 1942, e ele é bem conhecido. E assim, o que ele ganha de direitos autorais, de show, é pouquíssimo. Tem outros ai que estão mais consolidados, tem uma agenda de shows, e tem outros que mesmo famosos, ainda tem um outro emprego.

**Entrevistado:** Eônio Pinto

**Data:** 02/10/09

**Local:** entrevista realizada por e-mail

Eônio é Major aposentado da Reserva da Polícia Militar de Minas Gerais. Morador de Viçosa, ele é violeiro e já foi coordenador do *Clube Amigos da Viola*.

**Fernanda:** Quando e como você começou a tocar viola?

**Eônio:** Nasci em Coronel Xavier Chaves, cidade pequena ao lado de São João Del Rei. Desde criança gostava de música e aos nove anos de idade já ensaiava alguma coisa em cavaquinho e violão. Não era um músico de verdade porque não tinha muito tempo para me dedicar à arte. Tinha que trabalhar e estudar e o tempo era pouco. Foi quando me aposentei que me dediquei aos instrumentos e aos 57 anos de idade me envolvi com a viola caipira, instrumento que sempre gostei, mas achava ser difícil aprender a tocar. Entretanto, quando resolvi frequentar algumas aulas de viola, me entusiasmei e aprendi algumas coisas no braço da viola que muito me agradam, e, por incrível que pareça, agrada também a quem está por perto.

**Fernanda:** Você costuma ir a muitos eventos de viola? Já tocou em algum? Quando?

**Eônio:** Sempre que sei de algum evento por perto eu vou. Já toquei com os Amigos da Viola desde 2002 em várias solenidades de escolas e de igrejas; encontro de famílias em Barbacena-MG em setembro de 2005; em Viçosa para o Cônsul da Argentina e o Secretário da Cultura de Minas Gerais, com os alunos do Centro Experimental, em setembro de 2008; no Palácio da Liberdade em Belo Horizonte, com meus alunos do Centro Experimental da Sec da Cultura de Viçosa, para autoridades ali presentes em dezembro de 2008, na festa do cavalo em Viçosa em 2009; quatro apresentações em Belo Horizonte, no mesmo dia, sendo na TV Horizonte, Secretaria da Cultura de Minas Gerais, Superintendência do Ministério da Cultura de BH e o mais emocionante foi na Praça da Savassi, quando nós do Clube amigos da Viola paramos o trânsito dos transeuntes, que, além de aplaudirem, pediram que tocássemos algumas músicas e nós atendemos a todas as solicitações.

**Fernanda:** Por que você acha que em determinado momento surgiu um outro ramo da música sertaneja, a chamada sertaneja romântica? Por que ela não pode ser considerada música de raiz?

**Eônio:** É uma tendência natural das coisas, através dos tempos os comportamentos vão se adequando à época. Entendo que assim também aconteceu com a música caipira. Antes cantavam a vida rústica rural. Pode ver que só se falavam em “tapera; rancho de sapé; casinha de beira de

estrada, carro de boi; meu cavalo....; na beira do rio; perto da mata; os pássaros cantando; o sol se vai no poente; etc, etc, etc. Se Quisermos nominar vamos escrever um livro.

Com o grande êxodo rural, a música caipira virou sertaneja e foi modificando o seu estilo que, no meu entender, foi muito boa essa transição porque não perdeu tanto as suas origens, fala do homem do campo de uma maneira até bem humorada, por isso foi bem aceita.

A música raiz fala da ligação direta do homem com a terra, com a natureza em geral e do povo do interior, falando das saudades de suas origens ou de uma situação dramática. A música sertaneja romântica, como já disse antes, já urbanizada, fala mais dos relacionamentos amorosos de maneira alegre e por isso é bem vinda.

**Fernanda:** A música sertaneja universitária é diferente da romântica? Por quê?

**Eônio:** A música caipira raiz ter o “palavriado” do homem do campo, eu até concordo, porque está contando a sua história, o seu jeito de ser. Entretanto, há clássicos da música raiz que não apresenta nenhum erro de português, podendo citar Porta do Mundo; Amargurado; Meus Oito Anos. Porém músicas com tantos erros de português e ainda denominar Universitária, prefiro não comentar.

**Fernanda:** Quem são os chamados novos violeiros? Qual a diferença deles para os antigos? Eles estão tentando resgatar a antiga música caipira?

**Eônio:** Os novos violeiros são pérolas da música caipira de raiz que estão na ativa. A diferença dos antigos violeiros que hoje tem mais incentivo, o apoio cultural do governo federal, estadual e municipal e isso é importante, porque o que fazemos é cultura é manter viva a chama do amor pela música que embalou os sonhos dos nossos antepassados e continua acalentando aqueles que gostam da música sertaneja de raiz é importante para a nossa história.

Hoje temos em Viçosa meninos e adolescentes tocando viola, entre 08 e 16 anos de idade. Não vejo o nosso movimento como o resgate da música caipira de raiz, porque entendo que ela nunca morreu. Teve um período afastada da mídia, mas não totalmente o suficiente para cair no esquecimento. Entendo que estamos procurando manter a tradição e o amor pelo belo do nosso interior que é a música raiz.



**Fernanda:** Para você o jornalismo, a mídia, abre espaço para a música sertaneja de raiz?

**Eônio:** A mídia, de maneira geral, tem sido importantíssima para mantermos a música raiz viva. Em todo lugar onde vamos temos sido tratados com muito carinho e atenção pelos apresentadores de eventos e pelos jornalistas. Nós temos muito que agradecer a esses trabalhadores das palavras escritas e faladas que nos ajudam a escrever mais essa página da nossa história.

**Fernanda:** Você acha que a música caipira está “morrendo”? Para você, qual é o futuro da música caipira?

**Eônio:** O nosso povo é inteligente. Muita gente sente vergonha de dizer que gosta de música sertaneja, mas de vez em quando a gente apanha essas pessoas ouvindo uma música caipira no som do seu carro. Há quem gosta somente de um estilo musical, mas são poucas. Quando tem festa na cidade e são apresentados vários shows a gente percebe que os mesmos que aplaudiram a música sertaneja aplaudem também o rock o axé, etc.

A música caipira de raiz já está difundida no nosso meio como cultura e pela experiência que temos, cultura não morre. Pode receber influências, mudar com o passar dos tempos, porém, enquanto existirem rodeios e exposições agropecuárias a música sertaneja de raiz estará presente. Cabe a nós transmitirmos isso aos vindouros essa cultura que vem crescendo cada vez mais e acompanha o desenvolvimento do nosso país.

### **Sobre o Clube Amigos da Viola:**

**Fernanda:** Além de ser um dos fundadores, você também tocava no grupo?

**Eônio:** Por já ter conhecimento de música com o violão, tive mais facilidade para desenvolver na viola, por isso era eu quem fazia os ponteios e coordenava o clube. O meu tempo foi ficando escasso, muitos afazeres, reuniões de trabalho, eu não pude continuar à frente do grupo, mas fui de muita sorte porque encontrei o Joel Dias, passei para ele essa função e hoje ele está de maneira brilhante à frente dos violeiros.

**Fernanda:** Por que você saiu do grupo? Você ainda tem algum contato com ele?

**Eônio:** Conforme já disse antes, o meu tempo não permitia, mas não perdi totalmente o contato com o grupo. Tanto é que no mês de julho toquei com eles em Belo Horizonte. Onde fizemos quatro apresentações e em setembro estivemos na Câmara dos Vereadores de Viçosa.

**Fernanda:** Qual a importância do grupo no cenário da música caipira em Viçosa?

**Eônio:** É que hoje tem no centro experimental da Secretaria de Cultura de Viçosa, um grupo de alunos aprendendo a tocar a viola e eu tenho muito orgulho disso, porque tudo isso nasceu de uma conversa que eu tive com o Geraldo Carreiro, na Avenida Santa Rita, em junho de 2001, quando eu o convidei para dar aulas de viola. Através de Dona Mirian, esposa do Sr Jorge Feres, proprietário da 95 FM, conseguimos com o Secretário de Cultura da época, o dinâmico Marcelo Andrade, o espaço na antiga casa da cultura de Viçosa e ali iniciaram as aulas de viola em Viçosa.

**Entrevistado:** Ramon Rozado

**Data:** 05/10/09

**Local:** entrevista realizada por e-mail

Natural de Viçosa, Ramon estuda e trabalha em Belo Horizonte. O jovem violeiro forma dupla com seu pai e acompanha outros violeiros em shows e apresentações.

**Fernanda:** Quando e por que você começou a tocar viola?

**Ramon:** Comecei a tocar viola em 2005, com 16 anos. O instrumento chamou muito a minha atenção pelo seu som e pela sua diversidade, fui intensamente incentivado por meu pai, grande músico e conhecedor da cultura caipira, bem como por ver e ouvir grandes duplas como Zé Mulato e Cassiano, As Galvão, Tião Carreiro e Pardinho, Cacique e Pajé, Pena Branca e Xavantinho, entre outros.

**Fernanda:** Você costuma ir a muitos eventos de viola?

**Ramon:** Sim, na medida do possível, pois, hoje além da viola estudo e trabalho, o que de certa forma dificulta a minha presença em eventos, contudo os shows que realizo esporadicamente me possibilitam participar de grandes eventos de viola.

**Fernanda:** Você faz muitas apresentações de viola? Sozinho ou fazendo parte de uma dupla?

**Ramon:** Digamos que sim, hoje faço dupla com meu pai além de acompanhar outros violeiros.

**Fernanda:** Por que você acha que em determinado momento surgiu um outro ramo da música sertaneja, a chamada sertaneja romântica? Por que ela não pode ser considerada música de raiz?

**Ramon:** Por questões de mercado, os povos de certa forma têm se dissipado muito, o que faz com que várias “tribos” se formem por meio de diversas etnias. E diria que, pelo tema abordado nas letras, pela postura, pela apresentação (vestuário), pelo esquecimento da cultura tradicional que fala da vida cotidiana, da história de vida das pessoas, a música “sertaneja romântica” não pode ser considerada MÚSICA DE RAIZ.

**Fernanda:** E a música sertaneja universitária, é diferente da sertaneja romântica? Por que?

**Ramon:** Sim, as duplas sertanejas românticas surgiram e permaneceram na mídia por um tempo maior. Quando os empresários observaram o potencial de venda da música sertaneja romântica investiram em outras duplas simplesmente para ganhar dinheiro, onde nasceram às duplas universitárias, que hoje não passam de artistas descartáveis que são usados por dois meses e caem em esquecimento.

**Fernanda:** As maiorias dos jovens ouvem mais a música chamada “breganeja” em vez da música de raiz. Por que você acha que isso acontece e por que isso não aconteceu com você também?

**Ramon:** Infelizmente o mundo é influenciado pela grande mídia, e isso faz com que os jovens não tenham acesso à música de qualidade, pois as rádios e canais de televisão mostram apenas a música comercial. Isso não aconteceu comigo porque tive “berço de ouro”, sempre ouvi músicas de qualidade por incentivo dos meus pais. Isso fez com que eu aprendesse a gostar e procurar conhecer cada vez mais esse universo infinito.

**Fernanda:** Para você o jornalismo, a mídia, abre espaço para a música sertaneja de raiz?

**Ramon:** Não. A mídia hoje não se preocupa com a cultura e a tradição, eles priorizam a música comercial que rendem mais dinheiro mesmo que por pouco tempo.

**Fernanda:** Você acha que a música caipira está “morrendo”? Para você, qual é o futuro da música caipira?

**Ramon:** Não. Mesmo sem o apoio da grande mídia a música caipira mantém um movimento muito forte em paralelo, pois, quem defende a viola, que realmente acredita nessa cultura, não desiste da causa, o que faz com que a musica caipira cresça cada vez mais.

**Fernanda:** O curso de agronomia é o mais importante da UFV. Você acha que isso influencia as pessoas a ouvirem música sertaneja em Viçosa? E essa música seria a sertaneja de raiz ou a chamada “breganeja”?

**Ramon:** Sim, os estudantes do curso geralmente convivem com o meio rural, o que faz com que eles sofram certa influencia, já a população de modo geral como tem acesso aos eventos realizados para e pelos estudantes acaba compartilhando do mesmo meio. E com clareza posso afirmar que 90% dos estudantes ouvem hoje a chamada “breganeja”.